



O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CIDADE DE CODÓ: UMA PROPOSTA DE ENSINO POR MEIO DOS DICIONÁRIOS

Luís Henrique SERRA²⁸⁴

Resumo: A Lexicografia pedagógica tem sido o campo de atuação de muitos linguistas interessados na formação lexicográfica do professor de língua portuguesa. Nesse sentido, é importante lembrar da Política Pública Educacional do Programa Nacional do Livro Didático, que, há algum tempo, seleciona e envia dicionários escolares para as escolas públicas brasileiras, a fim de imprimir, na cultura escolar, a consulta ao dicionário para a leitura e para a produção textual. No entanto, essa política tem esbarrado na própria formação dos professores, que pouco sabem ou pouco entendem sobre o dicionário e, muito menos, sobre o uso do dicionário na sala de aula. Nesse sentido, este trabalho, apoiado nos princípios da Lexicografia Pedagógica e na Linguística Aplicada, busca apresentar um conjunto de dados sobre a cultura do dicionário nas escolas da educação básica do município de Codó-Ma, objetivando mostrar como que as escolas e os professores desse município estão distantes da realidade idealizada pelo PNLD-Dicionários. Os dados mostram que os professores investigados desconhecem sobre o ensino por meio de dicionários e que, embora recebam dicionários escolares para trabalhar, nunca receberam alguma formação nesse sentido.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Sala de aula. Dicionários Escolares. Linguística Aplicada. Lexicografia Pedagógica.

Introdução

O ensino de língua portuguesa, nos últimos anos, tem apresentado muitas mudanças, se comparadas com algumas décadas atrás, e isso se dá graças às diferentes discussões sobre a importância do ensino para a formação dos cidadãos e ao papel que a Linguística tem tido nos cursos de formação desses professores. Essas discussões e a presença da Linguística na formação de professores de língua materna e estrangeira têm impresso mudanças metodológicas e de perspectiva que têm alcançado inúmeras salas de aula Brasil a fora e o ensino de português tem deixado de ser de língua estranha para, finalmente, ser um ensino de língua materna; ou seja, tem-se deixado de ensinar, na primeira perspectiva (a do ensino de segunda estranha e anacrônica), um objeto estranho e fora da realidade (nomenclaturas

²⁸⁴ Coordenador do Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa – GIELP/UFMA. luis.ufma@gmail.com





gramaticais, por exemplo) para, na segunda perspectiva, ensinar uma língua com a qual temos maior familiaridade, uma língua/linguagem da comunicação mais real e concreta, utilizada e modificada a partir de diferentes aspectos comunicacionais.

No entanto, mesmo diante de tantas transformações, é importante ressaltar que essa segunda perspectiva precisa ser observada em um maior número de escolas do Brasil, em todas as suas regiões, principalmente, nas regiões onde o ensino como um todo precisa ser observado com maior atenção, não apenas pela própria escola, mas também, por todos os elementos que compõem a sociedade e que também permeiam a escola (o estado, a família, a comunidade assistida pela escola etc.).

Infelizmente, são largamente conhecidos os resultados de avaliações nacionais nos quais é possível observar os efeitos do ensino de português na primeira perspectiva – a tradicionalista: nota zero em um grande número de redações, baixos índices de compreensão de leitura, posições finais dentro dos ranques internacionais são só algumas das indicações que mostram que o ensino de português dentro das escolas da educação básica tem que passar por uma revisão, principalmente no que tange às ideias e às práticas escolares.

Além disso, cumpre lembrar que muitas das dificuldades encontradas por nossos alunos quanto à leitura e à escrita têm a ver com o conhecimento que eles têm das unidades lexicais que compõem os diferentes textos: reconhecimento das inúmeras acepções que uma palavra pode ter dentro de vários contextos, o emprego, sem causar ambiguidade das palavras, a regência de acordo com a norma culta vigente das palavras de um enunciado, seja ele oral ou escrito, são só algumas das dificuldades que os nossos alunos apresentam. Sendo desse modo, é possível pensar que as dificuldades comunicativas dos nossos alunos advêm, em parte, de problemáticas léxico-gramatical, que baseiam a produção textual. Saber relacionar os elementos lexicais e compreender os diferentes significados decorrentes dessa relação são habilidades imprescindíveis para quem quer e precisa produzir um texto de qualidade.

No âmbito da Linguística, um novo campo, com uma proposta





inovadora e que visa à aquisição dessas habilidades léxico-gramatical em língua materna, é pensado pela Lexicografia²⁸⁵, que é a Lexicografia Pedagógica, campo que vem produzindo discussões e dicionários voltados para o ambiente escolar, os denominados Dicionários Escolares. A Lexicografia Pedagógica, como campo de discussões sobre questões de ensino de língua, visa a percepção, por parte da escola, do dicionário como uma ferramenta didática, tanto para a aula de língua portuguesa quanto de outras matérias. Para os estudiosos desse campo de conhecimento, o dicionário é uma importante ferramenta na sala de aula. Nessa perspectiva, com o dicionário escolar, é possível trabalhar muitas habilidades de compreensão textual, além de outras algumas competências comunicativas dos alunos.

Inserindo-se entre as reflexões desse campo de estudos, este texto apresenta alguns resultados de uma pesquisa sobre o uso do dicionário em sala de aula produzida na cidade de Codó, Maranhão, pelo Grupo de Investigação do Ensino de Língua Portuguesa, grupo vinculado à Universidade Federal do Maranhão, campus VII, do município de Codó, além de propor uma atividade na qual o dicionário pode ser conhecido pelos alunos e utilizado pelo professor.

O dicionário na sala de aula: a lexicografia pedagógica

O dicionário é um livro cujo registro do léxico das línguas naturais é amplamente registrado. O dicionário é permeado por informações de natureza linguística, histórica e pragmática que estão cristalizadas no léxico, o que pode ser aproveitado na sala de aula. Nesse sentido, é importante explicar que o léxico de uma língua natural é o conjunto de elementos linguísticos, seja ele de caráter gramatical ou de caráter extralinguístico, pragmático ou semântico. Esses elementos são disponibilizados no dicionário e podem atender necessidades de leitura e de produção de textos dos diferentes consulentes.

²⁸⁵ Uma das ciências que se ocupam com a reflexão e com a produção de dicionários gerais e especiais e corresponde a uma das ciências que estudam o léxico das línguas naturais (o conjunto de palavras das línguas). Além da Lexicografia, a Lexicologia e a Terminologia também estudam o léxico





Considerando a riqueza de conhecimentos encerrados no dicionário, entende-se que o dicionário pode funcionar como uma importante ferramenta didática.

No entanto, é importante lembrar que o caráter didático do dicionário ainda é pouco aproveitado e reconhecido pela escola “(...) tradicionalmente, a escola não costuma prescindir do dicionário, adotando-o seja o ensino de língua materna, seja para o de língua estrangeira. Isso ocorre mesmo que muito pouco explore seu potencial didático.” (KRIEGER, 2007, p. 298).

Nesse sentido é que a Lexicografia Pedagógica, campo de estudos que tem uma interface com a Linguística Aplicada e com a Lexicografia, busca discutir a importância do dicionário na sala de aula. Neste campo de estudos, o dicionário é encarado como uma ferramenta para o ensino tanto de língua estrangeira quanto de língua materna, bastando à escola apenas considerar o dicionário não apenas como uma obra de consultas rápidas, mas sim, um livro no qual estão ancorados muitos dos saberes linguísticos necessários para os aprendizes dos diferentes aspectos comunicativos da língua materna.

A lexicografia, de acordo com Pontes (2008), é um campo de prática e de reflexão sobre o uso do dicionário, e ela se divide em duas grades linhas de pesquisa e investigações: a lexicografia teórica, ou a Metalexicografia, e a Lexicografia Prática. Da segunda, da Lexicografia Prática ou Aplicada, é onde surge a discussão sobre o uso do dicionário como ferramenta didática. A disciplina busca compreender de que modo o dicionário, como repositório do saber lexical de uma comunidade e como ferramenta que viabiliza o conhecimento linguístico de uma comunidade, pode contribuir com o saber lexical dos aprendizes de um idioma estrangeiro e materno.

O campo da Lexicografia Pedagógica tem início, de acordo com Tarp (2006), com as discussões sobre a temática do inglês como língua universal e, por isso, viu-se a necessidade de criação de ferramentas adequadas para sua aquisição por parte de falantes de diferentes nacionalizações e em fase de aquisição dessa língua. Por outro lado, a função do dicionário como ferramenta de ensino surge, de acordo com Durans e Xatara (2007), da especialização e da profunda transformação que os dicionários vêm sofrendo ao longo dos anos: porque o conceito de dicionário vem mudando ao longo dos anos, sofrendo





muitas transformações em sua configuração, observou-se que, com esses novos recursos, incorporados a partir das novas necessidades que os consulentes tinham, o dicionário poderia, com sua infinidade de recursos gráficos e com as informações nele contidas, servir como um material didático importante não só na sala de aula, mas em muitos outros contextos comunicativos em que a escrita e a fala são utilizados. Teixeira (2015, p. 30) lembra que:

O conceito de Lexicografia Pedagógica no Brasil surge neste contexto de escolarização dos dicionários, que passam a desempenhar um papel pedagógico, pois funcionam como auxiliar do aluno no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, contribuindo, dessa forma, para a alfabetização.

Com o Programa Nacional do Livro Didático-Dicionários, programa do Governo Federal, associado ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a Lexicografia Pedagógica passou a ser uma realidade nas universidades e a escola passou a receber dicionários para serem utilizados em sala de aula. No entanto, a própria introdução do dicionário em sala de aula ainda é uma barreira difícil de ser ultrapassada, tendo em vista que falta formação aos professores, no que tange ao uso didático dos dicionários, e o analfabetismo de muitos alunos, que avança sobre as diferentes séries escolares.

O dicionário escolar: forma e conteúdo

Uma das importantes contribuições da Lexicografia Pedagógica à discussão sobre a presença do dicionário na sala de aula é que o dicionário precisa ser melhor conhecido pela escola. Nesse sentido, é importante lembrar que um dicionário é composto por inúmeras subdivisões, nas quais as diferentes informações que estão à disposição do consulente podem ser consultadas. Desse modo, a tradição Lexicográfica tem pensado o dicionário como uma obra composta de inúmeras subpartes que compõem uma estrutura superior. Um dicionário é composto por uma macroestrutura e pela microestrutura. Dentro dessa repartição binômica, temos inúmeras outras propostas que veem um detalhe ou outro dessa repartição mais ampla.





Na Literatura Lexicográfica, é possível observar muitas propostas, geralmente, considerando as diferentes partes do dicionário geral. Para Pontes (2009, p. 66), por exemplo, “O texto Lexicográfico se organiza em vários níveis estruturais, ou seja, constitui-se de uma estrutura global denominada megaestrutura na qual se encaixam outras menores como a microestrutura, a macroestrutura, o material interposto, a medioestrutura.”. Correia (2009, p. 23-24) entende que, “O dicionário é uma obra organizada em torno de duas estruturas: a microestrutura e a macroestrutura. Dentro de um dicionário, todos os artigos ou verbetes apresentam os mesmos tipos de informações, pela mesma ordem e de forma idêntica.”. Brangel (2016, p. 130) comenta que,

Uma obra lexicográfica resulta da articulação de diferentes componentes canônicos que, em sua totalidade, conformam a megaestrutura do dicionário (HARTMANN; JAMES, 2002, s.v. *megastructure*). Na megaestrutura de uma obra lexicográfica, é possível discriminar quatro componentes canônicos, a saber: o *outside matter*, a macroestrutura, a medioestrutura e a microestrutura (cf. HAUSMANN; WIEGAND, 1989, LANDAU, 2001, WELKER, 2004).

Como se observou, são muitas as propostas que podem ser sintetizadas em macro e microestrutura e cada proposta leva em consideração não só a quantidade de palavras existente em um dicionário, mas também, o público-alvo e o conhecimento de mundo que o consulente tem. O dicionário escolar, nesse sentido e como uma obra lexicográfica, também tem sua estrutura especificada a partir desses critérios. De acordo com Pontes (2009), todo dicionário tem características que ele entende como interna e externas ao dicionário. As primeiras dizem respeito a concepção, ao planejamento e ao público-alvo e o *corpus* selecionado para a produção de um dicionário; a segunda diz respeito às técnicas lexicográficas empregadas, como a escrita das definições, as marcações e informações de cada palavra, exemplos, o estilo entre outras características do aspecto lexicológico do dicionário.

Com relação ao dicionário escolar, Pontes (2009), depois de observar vários dicionários escolares disponíveis no Brasil, apresenta as características internas e externas mais comuns nos dicionários do Brasil, as quais passamos a comentar. Ele explica que grande parte dos dicionários escolares no Brasil tem como características externas:





- (i) A **proposta lexicográfica** como sendo para o público infantil, portanto, tem que apresentar o número de informações e de verbetes considerando o tipo de dicionário, a depender da série escolar do público, a competência linguística e comunicativa dos usuários;
- (ii) O **corpus** para a produção do dicionário, a depender do nível de conhecimento dos usuários, deve considerar a literatura científica e própria para a idade dos consulentes, como revistas científicas de divulgação e revistas para adolescentes, por exemplo.

Quanto às características internas dos dicionários escolares, considerando ainda a pesquisa de Pontes, são as mais frequentes:

- (i) As **páginas iniciais** trazem explicações sobre a organização e a produção do dicionário, com exemplos extraídos do corpo do dicionário, além de um guia do usuário, adaptado ao público consulente e a indicação do potencial leitor da obra;
- (ii) A **ordenação alfabética e linear**, portanto, organização semasiológica;
- (iii) **Registro polissêmico** das diferentes acepções das palavras²⁸⁶;
- (iv) A **quantidade do conteúdo lexicográfico** adequado com o público-alvo e com a série escolar do consulente;
- (v) As **variantes** (gráficas ou morfológicas) das palavras aparecem juntamente com a entrada, separada por parênteses ou por conjunções

Considerando a pesquisa de Pontes, pode-se observar que o mercado editorial brasileiro, considerando as modificações implementadas pelo programa PNLD-Dicionários, tem tentado adaptar essas obras ao público

²⁸⁶ Diz-se de uma organização polissêmica quando, no mesmo verbete, aparecem todas as acepções de uma palavra e não em verbetes separados.





escolar do Brasil, considerando sua realidade educacional. Desse modo, tendo em conta as diferentes obras lexicográficas escolares existentes no Brasil e distribuídas nas escolas brasileira, o professor tem à sua disposição livros de qualidade úteis na formação dos seus alunos. É importante, no entanto, que esse professor conheça o dicionário e saiba de seus recursos didáticos.

Dicionário escolar em Codó: observando o conhecimento dos professores sobre os dicionários escolares

Tentando observar a abrangência do programa PNLD-Dicionários no município de Codó, buscamos saber o conhecimento dos professores sobre os dicionários escolares e se eles têm conhecimentos dos recursos didáticos encontrados nos dicionários escolares. Para isso, foi criado um questionário com 5 perguntas nas quais buscou-se saber qual o conhecimento dos professores com relação ao dicionário escolar e se eles tinham alguma formação com relação ao dicionário escolar. A consulta foi feita no ano de 2016, no município, com 10 professores atuantes na educação básica do município.

Cumprir lembrar que o município de Codó está localizado na região dos cocais maranhense, leste Maranhense. O município conta com 244 escolas públicas e particulares, com mais de 20 mil alunos matriculados nos anos iniciais e finais da educação básica. O município ainda apresenta um IDEB um pouco preocupante, mas razoável, tendo em vista que o município conseguiu alcançar, na última avaliação, nota 4,0, um resultado bom diante das outras notas que o município vinha recebendo nessa avaliação anos atrás.

Com relação à consulta que fizemos com os professores do município, foi possível observar um quase desconhecimento dos professores com relação aos diferentes tipos de dicionários e dos recursos didáticos existentes neles. Quando perguntados sobre a utilização do dicionário em suas aulas, quase todos (8) responderam que sim. Dos 8 que responderam que utilizam os dicionários em sala de aula, a maioria (7) disse que utilizava apenas para saber





o significado das palavras e 1 para, além de ver o significado. Esse tipo de atividade, como já fora amplamente discutido pela Lexicografia Pedagógica no Brasil (cf. KRIGER, 2012; PONTES, 2009 entre muitos outros), reduz e muito o potencial do dicionário e cria o costume, que já está enraizado, de o dicionário ser apenas uma obra de consulta.

Muitos dos professores afirmaram que o dicionário é utilizado nas aulas de matemática, geografia e História, no entanto, não foi descrito por eles como o dicionário é utilizado nessas aulas. Quando questionados se participaram de alguma formação na área da Lexicografia Pedagógica ou se já ouviram falar do uso do dicionário em sala de aula, todos os professores afirmaram que nunca participaram e que o uso do dicionário na sala de aula é uma iniciativa dos próprios professores.

Diante desses resultados, é possível perceber que, no município de Codó, muito embora as escolas recebam dicionários pelo PNLD-Dicionários e os professores afirmem já terem incorporado em seus fazer pedagógica a prática do dicionário, é possível observar que esses professores ainda têm muito o que desenvolver com relação a essa temática, tendo em vista que a prática continua sendo a mesma, o que contribui muito mais para ratificar a ideia de que o dicionário é simplesmente uma obra de consulta esporádica, em momentos fora da sala de aula. A Macro e a microestrutura de um dicionário têm inúmeras informações úteis para o ensino de língua materna, como conhecimento sobre a estrutura e organização das palavras, para as séries que iniciais e para alunos que estejam em fase de alfabetização. Outro recurso que pode ser utilizado pelo professor é o emprego das diferentes acepções de uma palavra, para que o aluno possa entender que a polissemia de uma palavra está associada aos diferentes contextos onde ela é utilizada. A produção de texto pode ser feita utilizando as marcas de usos (siglas dos dicionários que indicam em que situação ou em que contexto a palavra é adequada para o uso) que os verbetes dos dicionários. O professor pode pedir aos alunos que criem situações, textos, nos quais as marcações de usos das palavras sejam utilizadas. Em séries mais avançadas, com turmas que já tem domínio da escrita, o professor poderia pedir aos alunos que fizessem adequações





vocabulares de determinados textos.

Considerando a importância de um dicionário para o aprendizado da língua e a necessidade de se criar um ambiente de aprendizado no qual o dicionário possa ser uma ferramenta, apresentamos, a seguir, uma atividade para a sala de aula, com a qual o dicionário pode ser melhor conhecido pelos alunos, paço crucial para que se crie uma cultura de uso adequado do dicionário.

Atividade – Dicionário o que é e como ler

Série escolar – 4^o ano do ensino fundamental

Quantidade de aulas – 3 dias de aulas com 2 horários

Objetivo – Saber da organização e dos recursos de um dicionário

Material – Dicionário, papel branco e lápis ou caneta;

Procedimento – Nas duas aulas, o professor deve distribuir os dicionários na sala de aula para que eles conheçam e peguem o dicionário. (i) na primeira aula, seria interessante que o professor desse um tempo aos alunos para que eles próprios tentem imaginar como o dicionário se organiza e quais são as suas partes. Nos casos em que ele não consiga entregar um dicionário para cada aluno, o professor poderá colocar os alunos em dupla e/ou em trio. Após a organização e da entrega dos dicionários aos alunos, o professor, primeiramente, deve explicar cada parte do dicionário, demonstrando, com uma linguagem adequada, a organização do dicionário e para que ela existe. É importante que o professor explique cada parte, os recursos gráficos e as estratégias que o dicionário apresenta para que ele tenha acesso à informação fornecida pelo dicionário. Desse modo, o professor deve ler os verbetes com os alunos e tentar que eles façam a leitura própria de diferentes verbetes. É importante que o professor selecione os verbetes a partir da complexidade das





informações, iniciando com os mais simples e, depois, indo para os mais complexos. (ii) após estudarem o dicionário e sua organização, o professor pode pedir ao aluno que ele escreva uma história do seu cotidiano utilizando as diferentes palavras do dicionário, palavras que eles acharam no dicionário e gostaram. O professor poderá lançar o desafio de que os alunos apresentem as palavras menos cotidianas para eles. Após a produção do texto, o professor poderá devolver aos alunos as produções e pedir para eles mesmos observem aspectos como repetições e erros de ortografia, por exemplo. (iii) Após a correção e avaliação dos textos, o professor pode fazer uma atividade de leitura dos textos em sala de aula.

Essa rápida atividade pode ser um diferencial para os alunos, que, por meio dela, poderão conhecer melhor o interior e a organização do dicionário, saber que, muito mais que o significado das palavras, ele poderá encontrar informações adequadas para o uso dos vocabulários no seu cotidiano, o aluno poderá conhecer melhor as palavras e sua multiplicidade de significados. Esse tipo de atividade, poderá fornecer também o enriquecimento vocabular dos alunos, tornando-os mais proficientes com a leitura e com a produção textual, tendo em vista que o aprendizado de leitura e produção textual passa também pela quantidade de palavras conhecidas pelos alunos. É importante que o professor, nesse tipo de atividade, faça com um dicionário adequado às séries iniciais, ou seja, utilize o dicionário tipo 2, que é próprio para as séries iniciais da educação básica.

Últimas Considerações

Muito embora a proposta de ensino por meio de dicionário ainda seja uma novidade, mesmo que o programa nacional de distribuição de dicionário nas escolas públicas tenha mais ou menos 16 anos, a escola ainda tem





dificuldades em entender a importância de ver o dicionário não apenas como um livro de consultas esporádicas. É necessário, primeiramente, que os professores conheçam o dicionário e seus recursos para que, a partir daí, possamos avançar para um caminho mais abrangente quando ao uso do dicionário, rumo ao uso mais adequado do dicionário na sala de aula.

Um outro ponto importante é que a própria formação desses professores não permite a mudança da realidade do dicionário escolar no Brasil. Os cursos de graduação ou de pós-graduação ainda mingam uma disciplina ou outro do assunto, adiando ainda mais a mudança do quadro. A introdução de disciplinas e de pesquisas acadêmicas nessa direção ainda é feita esporadicamente no Brasil.

Isso tudo leva para uma reflexão necessária: quando privamos os nossos alunos do conhecimento inculcado no dicionário, estamos privando esses alunos conhecerem a própria língua de maneira mais ampliada. O dicionário oferece a nossos alunos alternativas de usos da linguagem, conhecimento da nossa realidade linguística e cultural, maneira de escrever e ler e amplitude de conhecimento de outros códigos, o que faz alguma diferença na capacidade comunicativa dos nossos alunos. Por isso, a escola precisa pensar em modos em como o professor pode introduzir, em seu cotidiano de trabalho com os alunos, o dicionário como uma ferramenta de leitura e de escrita, uma ferramenta no sentido de auxiliar eles a conhecer as diferentes maneiras de se expressar uma opinião, um sentimento e uma ideia, habilidade que mingua nas nossas salas de aula.

Referências

ALMEIDA, Adriane; GOMES, Patrícia. Lexicografia e ensino: em busca de um uso reflexivo do dicionário em sala de aula. In. LOBO, Tânia et ali. *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 699-715.

BRANGEL, Larissa Moreira. A lexicografia pedagógica no Reino Unido e no Brasil: subsídios da produção britânica para o aprimoramento das obras nacionais. *Caminhos em Linguística Aplicada*, v. 15, n.2, p. 125-142, 2016.

CORREIA, Margarita. *Os dicionários portugueses*. Lisboa: Caminho, 2009.





DURANS, Magali Sanches; XATARA, Claudia Maria. Lexicografia Pedagógica: atores e Interfaces. *D.E.L.T.A: Revista de Estudos Linguísticos*, n. 23, v.2, p 203-222, 2007.

KRIEGER, Maria da Graça. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In. ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 3. São Paulo; Campo Grande: EDUFMS/Humanitas, 2007, p.283-294.

_____. *Dicionário na sala de aula: guia de estudos e exercícios*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

PONTES, Antonio Luciano. *Dicionário para uso escolar. o que é, como se lê*. Fortaleza: EDUCE, 2009.

TARP, Sven. Lexicografia de aprendizagem. *Cadernos de Tradução*. n. 18, v.2, p. 295-317, 2006.

TEIXEIRA, Maria Cláudia. A designação de Lexicografia Pedagógica. *Revista Interfaces*. v. 6, n. 3, p. 29-35, 2015.

